

# Guaranis do Rio querem reserva

Única aldeia indígena do Estado luta pela demarcação de 700 hectares em Bracuí, Angra dos Reis

Tim Lopes

O Dia Internacional do Índio, instituído há exatamente 40 anos, no México, não será lembrado por toda a sociedade brasileira, mas certamente em vários pontos do país diferentes grupos vão prestar homenagem aos poucos mais de 200 mil índios que ainda restam em nosso território. Muitos índios nem sabem que a data existe mas outros vão tomar parte na festa exibindo os seus rituais, cultura e tradição. No Estado do Rio, a única aldeia existente, com cerca de 200 guaranis, em luta pela demarcação de 700 hectares em Bracuí, no município de Angra dos Reis, será objeto de uma exposição fotográfica.

É um momento decisivo na história da tribo, avalia o cacique João Silva, 77 anos, um dos quase 2 mil guaranis que ainda vivem no litoral brasileiro segundo cálculos do sertanista Orlando Villas Boas, 73. A exposição fotográfica "Em busca da terra sem males", na estação Cinelândia do metrô, a partir de hoje, é uma homenagem do Museu do Índio a esse grupo que migrou de Paranaguá (PR) em janeiro de 88 em busca de novos espaços para roçado e que se tornou vizinho da usina nuclear. O assentamento foi feito pela Funai. Embora os guaranis não sejam originários de terras fluminenses, mas do Sul, um grupo já habitara Bracuí durante algumas décadas deste século.

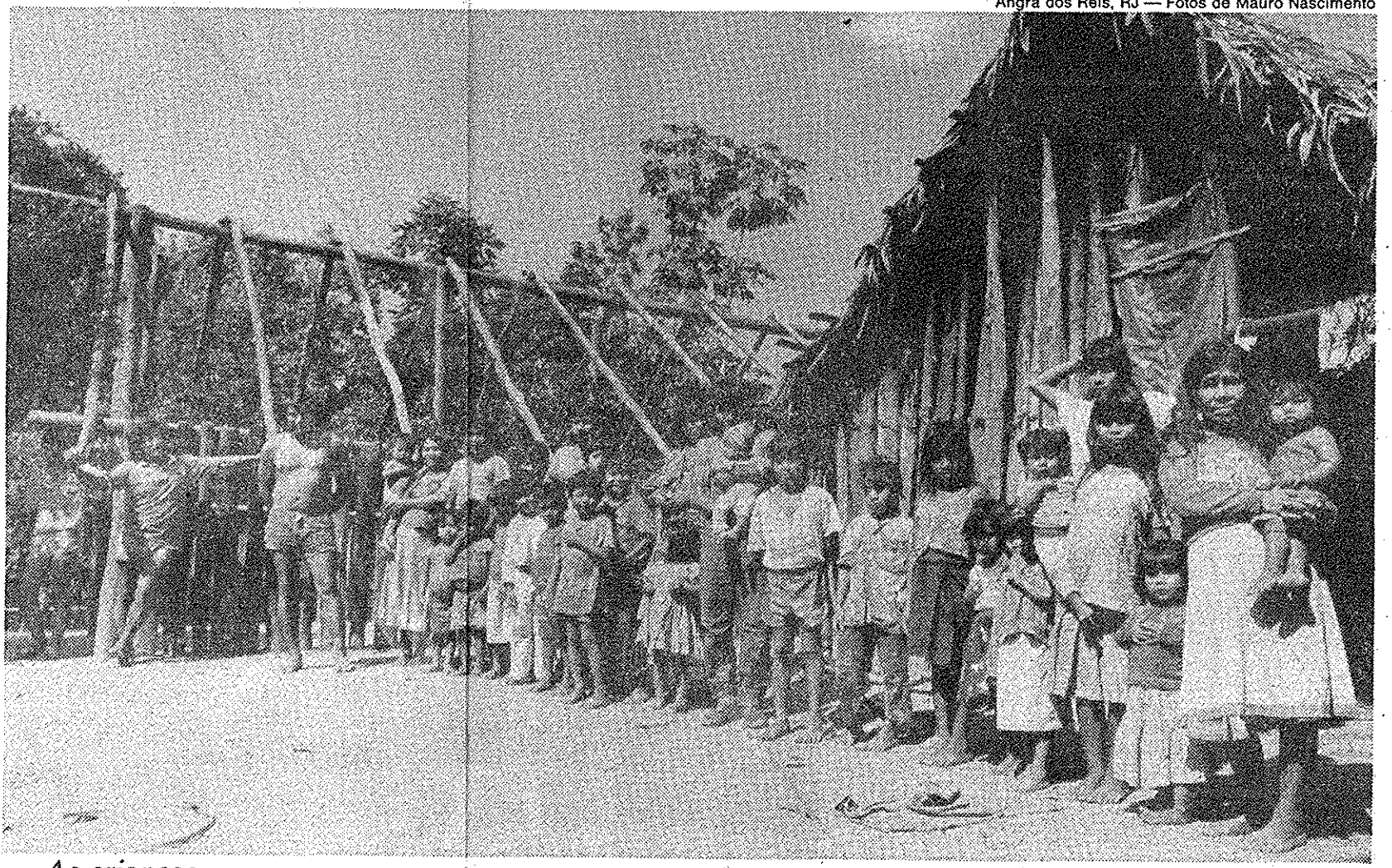
**Ameaças** — As discussões entre entidades ligadas à causa indígena e a pressão dos supostos donos de imensas faixas de terras improdutivas sempre foram uma ameaça para os índios em todo o Brasil. O cacique João Silva denuncia fazendeiros e posseiros da região de Angra que se dizem donos da terra habitada pelos guaranis e que, veladamente, fazem ameaças. "Nós queremos abrir o rumo, antes que eles passem a cerca. O governo diz que vai sair logo, mas demarcação que é bom, nada", lamenta Luís Eusébio, outro líder da tribo. O subsecretário estadual de Assuntos Fundiários,

Vicente Loureiro, garante que os índios nada têm a temer: "Nós já temos uma verba para a demarcação e estamos fazendo licitação entre empresas de topografia."

A diretora do Museu do Índio, Maria Helena Rochelas, disse que tem conhecimento de uma verba alocada pela Secretaria de Assuntos Fundiários mas não sabe o valor. "Estamos também torcendo para que seja demarcada a área. Aquela região é muito valorizada e não estranhemos que os índios já estejam sofrendo pressões", disse ela. A Funai, através do museu, destinou no ano passado Ncz\$ 29 mil para indenizar os antigos donos da área. Essa verba está em tramitação na procuradoria de Justiça de Angra dos Reis. "Só falta mesmo a demarcação", diz Maria Helena, que não esconde sua preocupação com a demora.

Antropólogos do Museu do Índio, funcionários da Secretaria de Assuntos Fundiários e uma comissão de cinco índios da tribo, liderados pelo cacique João da Silva, discutiram muito e fizeram três projetos, que ainda estão no papel, para saúde, educação e comércio. Um deles prevê duas salas de aula na aldeia, construídas pelos próprios índios com bambus e palha. Segundo a pedagoga Sílvia Sprei, da secretaria, a idéia é que o ensino na aldeia seja reconhecido oficialmente pelo Estado sem ferir a cultura dos indígenas. Com relação a saúde, serão treinados agentes comunitários para auxiliar os índios, que construirão um pequeno posto médico e cultivarão hortas de plantas medicinais.

Os banheiros previstos nas plantas não foram aceitos pelos antropólogos do Museu do Índio e muito menos pelo cacique João Silva, mas haverá um na cabana de venda de artesanato que será montada à beira da rodovia Rio-Santos para que os índios não precisem perambular pela estrada para fazer seu comércio.



Angra dos Reis, RJ — Fotos de Mauro Nascimento

As crianças guaranis de Bracuí estudam a língua da tribo e cuidam das menores, enquanto os adultos plantam e fazem artesanato, vendido na estrada que casais como José e Maduina percorrem para comprar sal, açúcar e feijão na cidade



## Aldeia mantém tradição com a festa do milho

Quem passa pela estrada Rio-Santos na altura de Angra dos Reis, principalmente nos fins de semana, já deve ter observado grupos de índios que vivem da venda de artesanato. São os guaranis que chegaram à região em janeiro do ano passado vindos da Ilha da Cottinga, em Paranaguá (PR), onde viviam em condições mais precárias. Agora, no litoral fluminense, mesmo assustados com os recentes tremores de terra, sonham com melhores dias. Na semana passada, o casal guarani José da Silva, 45 anos, e Maduina, 45, carregando o filho Queresu, de quatro meses, enrolado num pano amarrado do lado do corpo, andavam pela rodovia em direção a Bracuí, ele de botas,

ela descalça. "Vamos comprar sal, um pouquinho de açúcar e feijão", disse José.

Não tão felizes quanto esperavam, pois a terra ainda não foi demarcada, os guaranis fizeram sua primeira festa na colheita de 1.000 pés de milho em fevereiro passado. Na estrada de terra, quase chegando à Rio-Santos, o cacique João Silva contou como foi a festa. Ele ia pegar um ônibus para o centro de Angra dos Reis, para receber Ncz\$ 32 como aposentado do Funrural. "A mulherada toda foi para a roça, rindo, alegre, e depois da colheita dividimos o milho entre as famílias." Mas eles ainda sofrem com a pouca alimentação, embora o subsecretário de Assuntos Fundiários, Vicente Loureiro, garanta que regularmente envia mantimentos para a aldeia.

No alto da colina, com malocas de bambu e palha, os índios passam praticamente o dia inteiro cuidando dos 7 mil pés de cana, 8 mil de mandioca, seu

principal alimento, e bananas. Depois do almoço, os mais velhos tiram a seta, tomam banho nas cachoeiras e riachos, enquanto as crianças colhem laranjas e frutos silvestres. Algumas mulheres, além de cuidar da maloca, lavam roupa e ajudam os homens a confeccionar cestos, flechas, arcos e outros apetrechos que são vendidos na estrada.

As crianças, toda manhã, vão para a escolinha, uma pequena maloca com três mesas compridas e dois bancos cada uma, onde estudam o idioma guarani para não perderem a identidade. Nos fins de semana, após a venda dos produtos artesanais, muitos jovens vão jogar futebol no campo do Fuzil, dono de uma birrosca na subida para a aldeia, e ali consomem quase duas caixas de guaraná, o refrigerante que mais apreciam. Afinal, bebida alcoólica entre eles é proibida. "Aqui, se alguém ficar bebendo cachaca, a gente arranja um jeito de mandar embora. Queremos viver em paz", diz o cacique João Silva.

## Em Búzios, o sonho da volta

Embaúba entoa sua cantiga de saudade da tribo em Alagoas

Ralph Bravo

BÚZIOS, RJ — Ela não tem cara de índia, não se veste como índia, exceto por um colar de contas em volta do pescoço, tem cabelos ligeiramente ondulados, usa sandália japonesa e tem sotaque nordestino, mas, quando começa a entoar cantigas e dançar com prazer evidente, pouco se importando com quem esteja passando, aí não resta mais dúvida: é índia mesmo. E está querendo voltar para a tribo, em Alagoas. Para ela, Búzios não está com nada.

Embaúba, como é chamada na tribo Cocal, ou Dilmir Antônia da Silva, 27, conforme a carteira expedida pela 3ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), não se adaptou aos padrões de vida fora da tribo e sente saudades das danças e dos rituais coletivos. Desavenças familiares — não tolera o sogro — levaram-na a procurar a polícia de Búzios em busca de duas passagens de ônibus para regressar ao municí-

pio de Joaquim Gomes, em Alagoas, onde os cocais têm sua aldeia.

"Quando ela entrou aqui, nós pensamos que fosse 171, mas, depois que mostrou a carteira da Funai, onde consta que é índia tutelada pelo governo federal, ficamos sem saber o que fazer", contou o policial de plantão no feriado, que teve de providenciar refeições e acomodações para Embaúba. A índia ficou hospedada na casa do administrador da Rasa, João Guelo, a 50 metros da delegacia. Ontem começaram os contatos da polícia com a Funai para que seja atendido o desejo da índia.

**Dança** — Embaúba não sabe ler, mas é desinibida e se comunica com facilidade. Ela foi até a delegacia de carona, que conseguiu exibindo a carteira da Funai no travessão de acesso a Búzios, na RJ-106. Há três meses, chegou à zona rural de Cabo Frio, vinda de Alagoas, em companhia do marido, Amaro Carmo da Silva, e está vivendo no sítio do sogro, Davi, que tem uma banca na feira de São Pedro D'Aldeia. Mostrava-se temerosa de ter que voltar tarde para o sítio, por ter visto, há poucos dias, dois corpos embaixo de uma ponte, na estrada.

Além da violência na zona rural e dos preconceitos — "aqui molar não

pode andar sozinha, é diferente da minha aldeia" — desentendimentos com o sogro, que emprega o filho e a nora na lavoura, mas não lhes dá dinheiro, levaram Embaúba a sair de casa em busca das passagens de ônibus, sem o conhecimento do marido. Após dançar ao som de uma cantiga que entou, disse que não gosta de Búzios "porque não tem toré nem aricuri". Toré, segundo ela, é a dança coletiva, e aricuri, o nome do local na floresta onde a aldeia se reúne para destrinchar um garrote, tomar banho de rio e dançar o toré.

Dilmir disse que o chefe da Funai em Joaquim Gomes se chama Ybesson e "fala muito nesse Fernando Collor". Segundo ela, os índios da aldeia usam roupa "porque sempre chega gente de fora para comprar laranja". Quanto ao toré, "só os índios podem dançar nus, os de fora não". O chefe do plantão da 134ª DP, detetive Ricardo Neves, fez contato de manhã com a Funai, mas a ligação caiu na biblioteca e a funcionária disse que o assunto era da alçada da diretoria. O policial deu seu telefone em Búzios e ficou aguardando o retorno para resolver ainda hoje. Dia do Índio, a situação de Embaúba.